A criança que percebe a aprendizagem da leitura como um processo difícil e punitivo não sentirá prazer nem se aproximará espontaneamente da leitura, porque o gosto pela leitura não se desenvolve sob pressão ou por obrigação, ou com livros chatos ou sem sentido, cujo único uso é o ensino da leitura. Daí a necessidade de proporcionar aos alunos materiais de leitura abundantes, lúdicos e interessantes, adaptados às suas necessidades, gostos e dos mais variados: contos, poemas, cancioneiros, livros de enigmas, piadas e ditos.

REFEÊNCIAS

AMARILHA, Marly. Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

COELHO, Beth. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2001.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ana Flávia Araújo. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil. Revista Pátio Educação Infantil. São Paulo, ano III, n.7, maio/junho 2005.

ESCALANTE, D. Aquisição de alfabetização. Mérida-Venezuela: Conselho de Publicações da Universidade de Los Andes. 1991.

ESCALANTE, D. Práticas de alfabetização em uma sala de aula de língua inteira da primeira série: um professor em transição. Tese de doutorado Purdue University, EUA. 1995.

FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

PENNAC, D. Como um romance. Barcelona: Anagrama. 1993.

RCNEI, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, v. 3, Brasília, 1998.
RIBEIRO, E. A contribuição da contação de histórias para a aprendizagem na educação infantil. Monografia, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010.

RODRIGUÉZ, L. Processos retóricos e literários em histórias escritas por crianças. Caracas: A Casa de Bello. 1991.

SALINAS, P. O defensor. Madrid: Alliance. 1993.

SANTOS, A. F.; RODRIGUES, G. P.; ASSUNÇÃO, M. B. & FLAVIANO, S. L. L. "Quem quiser que conte outra": A contação de histórias como prática educativa. In.: III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG – Inovação:

Inclusão Social e Direitos, Pirenópolis, 2016.

VANNINI, M. Literatura infantil. Caracas: Universidade Nacional Aberta. 1995.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.

TRANSIÇÃO DOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (CEI) PARA AS ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (EMEI) E DEMAIS ETAPAS EDUCACIONAIS SEM DESTRUIR A INFÂNCIA

FRANCISCA AMARO DE SOUSA FONSECA

RESUMO

O presente artigo traz uma contribuição para famílias e educadores que lidam com crianças que estão na faixa etária escolar. Toda mudança traz algum sentimento, hora de incerteza, insegurança, ansiedade. Mudar de escola não é diferente. Quando os pequenos crescem e precisam ir para as EMEIS é necessário um trabalho feito com as escolas envolvidas no processo para que essa transição ocorra da melhor forma possível, sem trazer transtornos e sofrimento para as crianças e suas famílias. O mesmo acontece no momento que a criança tem que deixar a EMEI e ir para o Ensino Fundamental I. Trabalhar com as escolas na intenção de diminuir os desconfortos é nosso objetivo.

Palavras-chave: Transição. Família. Etapas. Professor.

INTRODUÇÃO

A transição de uma etapa de ensino para a outra sempre envolve muitos fatores: novos amigos, práticas mais avançadas de aprendizagem, outros professores e espaços diferentes. Por ser um momento importante de mudança, as escolas devem buscar, com cuidado e atenção, preparar os pequenos para os próximos passos.

Mais do que pensar na transição como uma questão pedagógica, sistêmica ou legal, é importante que este processo aconteça de

maneira apropriada para garantir à criança uma infância plena, cheia de possibilidades.

Para um aluno, a passagem entre etapas de ensino não virá sem dificuldades. Mudam o espaço, os horários, os colegas e os professores. No início da vida escolar, impõe-se uma dura separação da criança com sua família. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, as brincadeiras em sala de aula começam a dar lugar a atividades mais intensas e cobranças. Nos Anos Finais, surgem os professores especialistas, as provas cada vez mais exigentes e o desabrochar da adolescência, uma transição por si só difícil.

Garantir a adaptação dos alunos é uma tarefa complexa, mas que se torna mais fácil quando se procura entender o contexto de onde eles vieram, seja de casa ou de uma outra etapa de ensino.

Neste artigo iremos seguir as orientações que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos orienta para que esses períodos sejam mais leves e preserve as etapas do desenvolvimento da criança e do adolescente.

2. O PERÍODO DE TRANSIÇÃO O AMBIENTE FAMILIAR E A CRECHE

Quando falamos na primeira experiência da criança em deixar o ambiente familiar e frequentar a creche, estamos falando de um primeiro momento de transição que merece atenção tanto quanto os outros que virão em decorrência do desenvolvimento infantil. Muitos bebês demonstram desconforto ao deixar os seios da família e se habituarem a um novo espaço com outras crianças. Muitos choram, sentem dor de barriga, apresentam náuseas. Esses aspectos nada mais são do que sentimento de "insegurança". O choro e as dores apresentam melhoras conforme a criança vai desmistificando seu "medo".

Nessa etapa da Educação, o mais importante é construir uma boa relação com os responsáveis pelos pequenos. Antes do início das aulas, é interessante que a escola faça uma entrevista para consolidar uma ficha com informações detalhadas sobre cada criança. Questionar sobre brincadeiras preferidas, medos, rotina e cuidados de saúde e alimentação é essencial.

A dificuldade de transição da casa para a creche não é restrita às crianças. Os pais também sofrem com essa mudança. A despedida é fundamental para a adaptação, e estratégias como esperar a distração dos filhos para ir embora podem levar a um sentimento de abandono ainda mais acentuado. Normal que o responsável tente evitar esse momento doloroso, mas encará-lo é importante para a transição de todos.

No berçário, os familiares estão presentes ao longo de todo o processo de adaptação. Num segundo momento, é importante que a criança tenha objetos de apego ao alcance para diminuir o desconforto de estar longe dos responsáveis. E é bom lembrar: falta de choro não é certeza de adaptação bem-sucedida. Pode significar apenas que a criança está retraída.

2.1 PERÍODO DE TRANSIÇÃO DO CEI PARA EMEI

Transitar de CEI para EMEI faz parte do cotidiano de várias professoras, crianças e famílias. Quando as crianças completam 3 anos e 11 meses, automaticamente fecham um ciclo e iniciam outro. As crianças precisam estar preparadas para transitar por esses ambientes, que mesmo sendo parecidos, podem causar medo, ansiedade, por ser algo novo que os pequenos enfrentarão.

Muitas são as ações que as duas escolas envolvidas no processo podem planejar. Deve constar no currículo das creches e pré-escolas um período voltado ao trabalho de transição entre esses espaços. Professoras ou gestão das creches devem manter contatos com as pré-escolas e combinarem ações conjuntas. Pode combinar um dia na escola, um piquenique em que as professoras das creches levarão os pequenos para interagir com as crianças da pré-escola. Um dia de leitura, em que as professoras das creches podem ir com seus alunos até a pré-escola, e contar uma história numa grande roda com alunos das duas etapas participando.

Outra ação que demonstrou bons resultados é o convite às famílias de alunos das creches participarem de oficinas com seus filhos na pré - escola, ambientes que futuramente frequentarão. Vale ressaltar que muitas famílias que possuem mais de um filho, os irmãos estão matriculados na pré-escola, e ou já frequentaram. Os irmãos mais velhos encorajam os pequenos a frequentar o ambiente pela experiência vivida por eles. É muito importante que as famílias sintam-se acolhidas na pré-escola, pois percebemos que quando os pais se sentem seguros, conseguem passar essa segurança para os filhos.

2.2 O PERÍODO DE TRANSIÇÃO DA EMEI PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Não há como negar: a transição da educação infantil para o ensino fundamental traz muitas mudanças para os alunos.

Na sala de aula, as brincadeiras e cantigas são gradativamente substituídas. No lugar delas, as crianças que ingressam no ensino fundamental encontram longas exposições de conteúdo, uma rotina mais rígida e provas com pontuação e tudo. Isso sem contar na

mudança de professores, colegas e até de escola!

É por isso que esse período merece toda a atenção da escola. Para que as crianças se adaptem a tantas transformações, os professores devem preparar um ambiente acolhedor e que permita a continuidade do aprendizado.

Uma transição saudável e que segue as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) depende desse acolhimento, que leva em consideração toda a jornada da criança até então. A ideia é oferecer uma ponte entre uma fase e outra, sem assustar a criança e nem fragmentar seu aprendizado.

Na educação infantil, o aprendizado é pautado pela interação e pelas brincadeiras. Ele também é menos rígido. Isso não quer dizer que não há regras!

A questão é que, na educação infantil, o foco está, principalmente, no estímulo dos alunos para que eles se desenvolvam de forma natural e saudável. Não há preocupação com desempenho e não se pode avaliar para reter.

No ensino fundamental, por outro lado, a brincadeira dá lugar a atividades mais estruturadas e desafiadoras. A interação também ganha outra intensidade, na medida em que os alunos precisam afirmar sua identidade e se relacionar no coletivo. Eles também passam a ser avaliados e cobrados com maior intensidade.

Para Kramer (2007) a inserção da criança no Ensino Fundamental exige diálogo entre Educação Infantil e Ensino Fundamental, diálogo esse institucional e pedagógico, dentro da escola, entre as escolas e na sala de aula, e com objetivos claros.

Educação infantil e ensino fundamental são indissociáveis: ambos envolvem conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso. O cuidado, a atenção, o acolhimento estão presentes na educação infantil; a alegria e a brincadeira também. E, com as práticas realizadas, as crianças aprendem. Elas gostam de aprender. Na educação infantil e no ensino fundamental, o objetivo é atuar com liberdade para assegurar a apropriação e a construção do conhecimento por todos. Na educação infantil, o objetivo é garantir o acesso, de todos que assim o desejarem, a vagas em creches e pré escolas, assegurando o direito da criança de brincar, criar, aprender. Nos dois, temos grandes desafios: o de pensar a creche, a pré-escola e a escola como instâncias de formação cultural; o de ver as crianças como sujeitos de cultura e história, sujeitos sociais (KRAMER, 2007, p. 20).

De acordo com a BNCC é nessa fase que os alunos fazem "relação com múltiplas linguagens, incluindo os usos sociais da escrita e da matemática, permitindo a participação no mundo letrado e a construção de novas aprendizagens, na escola e para além dela". Sim, é um mundo novo cheio de novos desafios!

Para uma boa transição, é importante repetir na sala de 1º ano a disposição do espaço que os alunos encontravam na pré-escola. Mesinhas com cadeiras, espaço para fazer uma roda e prateleiras com brinquedos ao alcance das crianças são boas formas de favorecer a continuidade entre as etapas.

A carga horária também pode merecer a atenção dos docentes. Na Educação Infantil, as crianças que frequentavam a pré-escola em tempo parcial cumpriam uma jornada de quatro horas. Em algumas redes de ensino do Ensino Fundamental, o período mínimo de permanência na escola sobe para cinco horas. Nos primeiros dias, uma possibilidade é combinar com os pais a liberação das crianças mais cedo, para que não sintam tanto o aumento da carga horária.

Acima de tudo, a presença da família, assim como na Educação Infantil, é fundamental para fazer essa transição da melhor forma possível.

2.3 COMO A ESCOLA DEVE SE PREPARAR PARA A TRANSIÇÃO NAS ETAPAS EDUCACIONAIS

O acolhimento dos alunos que estão fazendo a transição do CEI para EMEI ou da EMEI para a EMEF é responsabilidade dos professores e da escola. É muito importante que os educadores sejam sensíveis às dificuldades, medos e anseios dos alunos nessa passagem e os ajudem nessa jornada.

Para isso, a recomendação da BNCC (2018) é considerar o histórico dessas crianças que enfrentarão a transição de um período escolar para o outro. É essencial que o professor saiba como aquele aluno caminhou nas etapas que percorreu, quais habilidades desenvolveu, quais dificuldades encontraram e quais são seus potenciais. Isso vai ajudá-lo a desenhar uma transição mais saudável, respeitando os conhecimentos que aquela criança traz.

Segundo a BNCC(2018):

"Para que as crianças superem com sucesso os desafios da transição, é indispensável um equilíbrio entre as mudanças introduzidas, a continuidade das aprendizagens e o acolhimento afetivo, de modo que a nova etapa se construa com base no que os educandos sabem e são capazes de fazer, evitando a descontinuidade do trabalho pedagógico". (BRASIL, 2018, p.37)

Para facilitar esse processo, o professor pode conversar com os educadores que acompanharam os alunos na fase anterior. A leitura de portfólios e avaliações também são

muito úteis nesse sentido. Com essas informações em mãos será muito mais fácil desenhar um projeto que garanta a continuidade no aprendizado.

Outra dica importante para a escola é a construção de um currículo com mudanças gradativas. No primeiro ano, por exemplo, pode ser interessante manter algumas brincadeiras e propostas de interação. Na medida em que as crianças vão se adaptando à nova rotina, pode-se inserir mais conteúdo e atividades de avaliação.

Mas, não são só as crianças que estão se adaptando à transição. As famílias também costumam ficar apreensivas e perdidas nesse momento e, por isso, a escola também deve estar atenta a elas. Uma boa ideia é realizar reuniões com os pais para apresentar a estratégia de transição e esclarecer dúvidas.

2.4 TRANSIÇÃO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA OS ANOS FINAIS

A mudança do 5º para o 6º ano é certamente a mais complexa do Ensino Fundamental. Os alunos são colocados diante de uma realidade completamente nova. O contato com diversos professores, cada um formado em sua própria disciplina, não só exige um novo comportamento dos estudantes, como eles também perdem os laços de afetividade e proximidade com um educador polivalente, que é referência da turma no dia a dia.

A maior complexidade de se fazer uma adaptação satisfatória de alunos que iniciam o Ensino Fundamental 2 pode ser medida pela duração da transição. Os autores estimam que a transição de um aluno do 6º ano leve cerca de 6 meses, enquanto uma criança que começa a cursar os Anos Iniciais precise de apenas um mês para se sentir à vontade no ambiente escolar.

As crianças da Educação Infantil para os Anos Iniciais têm uma expectativa muito grande. Eles falam que é a escola dos grandes, eles já têm culturalmente esse discurso. Mas as crianças dos Anos Iniciais vão para os Anos Finais com muito medo”

Os medos dos estudantes ocorrem tanto pela falta de autonomia no Ensino Fundamental 1, dada a tendência de superproteção nessa etapa , como também pela dificuldade do professor especialista em compreender a realidade de seus novos alunos.

Para amenizar essa transição, o professor de Anos Finais tem que ter dedicação para trabalhar com 6º e 7º anos. É muito comum ver professores assumindo essas turmas na época de atribuição porque “foi o que sobrou”. Além disso, muitos trazem uma didática própria do Ensino Médio. O professor que dá aula para o 3º ano do Ensino Médio e para o 6º ano do Ensino Fundamental não pode ter a mesma visão para esses dois grupos. A linguagem e a dinâmica da sala de aula, por exemplo, são diferenciais na hora de interagir com os alunos e desenvolver a aprendizagem.

A BNCC tem um capítulo específico que trata sobre o tema entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, porém ficou uma lacuna para transição das etapas do ensino fundamental.

É possível fazer essa transição com tranquilidade, desde que o professor do 6º ano entenda que esse aluno está numa fase de transição entre a infância e adolescência e precisa de um tempo de adaptação para a nova rotina do ensino fundamental 2.

2.4 AÇÕES QUE FAVORECEM A TRANSIÇÃO EM QUALQUER ETAPA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Organizar um passeio de conhecimento de espaço (pode ser da creche para EMEI e da EMEI para EMEF, dependendo de onde for a transição;

Realizar diálogo com as crianças mostrando o que elas já aprenderam e que continuarão aprendendo ainda mais no próximo ano;

Oportunizar um momento da turma do infantil com a professora do 1º ano para atividades de integração; (no caso de transição da EMEI para EMEF).

Entregar às crianças do Infantil desenhos e bilhetinhos de boas-vindas produzidos pelas crianças do 1º ano;

Socializar com as professoras do 1º ano os relatórios e fichas do Infantil para conhecer a aprendizagem e desenvolvimento de cada criança;

Realizar uma roda de conversa durante os meses de novembro e dezembro com as crianças do 1° ano junto e Infantil para saber como acontecem as rotinas de ambas as turmas, o que mais gostam de fazer, o que aprendem, do que brincam. - Conhecer as rotinas e as práticas pedagógicas dos professores de ambas as etapas, identificando as especificidades/particularidades, bem como a importância da continuidade do processo;

Analisar a síntese de cada campo de experiência que foi trabalhado na Educação Infantil;

Realizar escuta ativa e acolhimento afetivo; - Desenvolver projetos envolvendo a família;

Participar de formação continuada; - Utilizar metodologias dinâmicas e lúdicas, contemplando os direitos de aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades de acordo com cada etapa.

Organizar atendimentos individuais,